



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC**

**TENSÕES NOS MODOS DE VIDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO E DISPÊNDIO:  
UM ESTUDO SOBRE O COTIDIANO RIBEIRINHO**

**Caracterização do cotidiano do Baixo São Francisco**

Área do conhecimento: Ciências Humanas  
Subárea do conhecimento: Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduos  
Especialidade do conhecimento: Estado, Exclusão e Direitos Humanos

Relatório Final  
Período da bolsa: de agosto de 2018 a julho de 2019

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

**PIBIC/COPES**

Orientador: Marcelo de Almeida Ferreri  
Autor: Ana Beatriz Vilar Lessa



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**Resumo**

O presente estudo buscou caracterizar o cotidiano dos ribeirinhos do Baixo São Francisco, além de analisar aspectos das tensões dos modos de vida na região, com base na noção do dispêndio de Georges Bataille e na concepção de cotidiano de Michel de Certeau. Bataille preconiza o dispêndio como a perda, a ação que se esgota nela mesma, sem maiores finalidades. Já Certeau na *Invenção do Cotidiano* faz emergir uma nova forma de concepção do cotidiano, em que as rupturas ganham maior relevância; a arte do fraco passa então a ter destaque com as táticas, em que uma massa marginal cria novas maneiras de fazer diante das estratégias do lado forte. Trata-se de uma pesquisa documental, cujo material utilizado foi resultado da confecção de um parecer de impacto socioambiental por encomenda do poder judiciário. Para este estudo foram utilizados partes do laudo e registros dos diários de campo da equipe pericial. O aporte metodológico tem inspiração no entendimento foucaultiano de *documento monumento*, com um novo modo de olhar para o arquivo. Após a separação dos documentos, formaram-se duas categorias de análise: moradias e trabalho. Na primeira, partindo do acontecimento da desocupação de casas do programa Minha Casa Minha Vida, foi observado de quais maneiras os moradores criaram outras formas de uso do espaço, em especial com a construção de casas de palha. Referente ao trabalho ficou visível como existe uma ineficácia da aplicação dos programas assistencialistas, que deveriam auxiliar na produção; como consequência pode-se perceber os ribeirinhos modificando seus cotidianos e engendrando novos funcionamentos em seus modos de produção.

**Palavras-chave:** Baixo São Francisco; Cotidiano; Desenvolvimentismo; Dispêndio.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1. O BAIXO SÃO FRANCISCO COMO OBJETO DE PESQUISA .....</b>	<b>4</b>
<b>1.2 ENSAIO SOBRE A DÁDIVA E O SISTEMA DE PRESTAÇÕES TOTAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>1.3 DISPÊNDIO IMPRODUTIVO E ATIVIDADES HUMANAS .....</b>	<b>11</b>
<b>1.4 A MASSA MARGINAL E UM NOVO TIPO DO COTIDIANO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>17</b>
<b>4.1 UMA CASA NOSSAS VIDAS (EM CHOQUE) .....</b>	<b>17</b>
<b>4.2 “NÃO PENSE EM CRISE, TRABALHE” .....</b>	<b>21</b>
<b>5. CONCLUSÕES .....</b>	<b>24</b>
<b>6. PERSPECTIVAS .....</b>	<b>25</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>26</b>
<b>8. OUTRAS ATIVIDADES .....</b>	<b>28</b>



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **1. Introdução**

Este estudo é sequência de um projeto de pesquisa anterior, que iniciou a tentativa de abordar tensões produzidas historicamente por transformações socioculturais em diversos povoados do território do Baixo São Francisco sergipano, espaços especificamente selecionados para pesquisa em função da análise dos registros documentais de uma perícia socioambiental feita na região. A confecção do laudo pericial veio por demanda judiciária, em razão de um processo movido por ex-moradores contra a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, sob a alegação de modificações na região com a instalação da Usina Hidrelétrica. As referidas transformações socioculturais que incidem sobre a região sergipana seriam provenientes de amplos processos de desenvolvimento econômico e social que redundam em modificações na vida daquele lugar.

Além disso, espera-se contribuir para o entendimento do cotidiano dos povoados da região estudada com base no entendimento da vida cotidiana operado por Michel de Certeau em seu *A Invenção do Cotidiano* (1994). A aposta da pesquisa é que tal análise permite acesso a elementos importantes da vida comum do lugar e seus respectivos conflitos para o conhecimento efetivo da vida no contemporâneo. Nesse relatório, a análise do cotidiano por um olhar histórico e antropológico em psicologia social parte da discussão do dispêndio em Bataille para a direção das contribuições de Certeau.

Para a elaboração do laudo pericial, foi produzido um extenso acervo documental, desde fundamentações teóricas para inquirir as partes do processo a fotos e diários de campo. Os registros, em seu conjunto, apresentam as idas e vindas de uma região programada para cumprimento da missão desenvolvimentista historicamente incumbida. Impressões de organização, ajuste e preparo no trato das transformações sócio-culturais da região, especialmente das que provêm da intervenção do desenvolvimento regional,



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

emergem como elemento analítico privilegiado para caracterizar a relação entre Estado, corporações e modo de vida local.

O que haveria de problemático na extensa implantação de políticas, programas e serviços voltados para atendimento das demandas da população ribeirinha? Certamente, a ideia de uma vida ribeirinha a ser fortalecida, reconstituída ou reconhecida habita o Baixo São Francisco pelo que hoje ostentam as ações desenvolvimentistas. Os encantos dos diversos discursos empreendedoristas, preservacionistas, participacionistas e de inclusão social que provêm das instâncias políticas e econômicas estão focados para comprovar o aumento da ordem e do progresso da lucratividade das iniciativas governamentais e não governamentais do capital financeiro. Mas, o que de fato essa veia desenvolvimentista produz no cotidiano local? O que efetivamente se apresenta como modo de vida frente aos ímpetos de dominação que desembarcam na margem do rio? O enalço do dispêndio e a caracterização do cotidiano podem levar a outras questões, novas tensões configuradas no fazer da pesquisa. Eis o que se espera que a ideia do dispêndio e da concepção de cotidiano ajudem a conhecer. Cabe, então, apontar no que essas noções podem contribuir.

### **1.1. O Baixo São Francisco como objeto de pesquisa**

O rio São Francisco era o caminho natural para o reconhecimento das vastidões interiores da terra que desafiava seus ditos colonizadores. O Velho Chico tem, portanto, uma longa história de usos colonizadores e desenvolvimentistas. Possui extensão de 2.700 kms e corta 4 (quatro) estados na faixa litorânea intramediana do território brasileiro. Seu nome indígena é Opará, cujo significado aproximado seria “rio-mar”. Foi alcançado pelos portugueses em 1501, um ano após sua chegada às terras brasileiras. Conflitos entre portugueses e povos indígenas marcaram as investidas colonizadoras pelas margens interioranas do rio. No Brasil-Colônia foi chamado rio dos currais pelo uso deles como estratégia para povoamento das margens e circulação de mercadorias. Nessa estratégia se encontra a base dos conflitos fundiários que as regiões próximas ao rio conheceram ao



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

longo de sua história: expropriação de nativos e exploração econômica. No século XIX, essa exploração passou a ser subsidiada pela ciência com o levantamento da calha navegável.

Além dessa, outras missões históricas, de cunho econômico mais acentuado, incorreram em torno do rio, como a política desenvolvimentista de meados do século passado que instalou complexos hidroelétricos (hoje são quatro) em seu curso e programas de desenvolvimento do poder público – com marcos na criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) em 1945 e da Companhia de Desenvolvimento do São Francisco (CODEVASF) em 1974. O rio-mar já foi designado rio da unidade nacional, pela diversidade cultural que habita suas proximidades, e rio da integração nacional, pela “incumbência” de desenvolvimento agroeconômico, energético e social a que foi submetido.

Na margem sergipana, o Território Baixo São Francisco abrange uma área de 1.967,10 Km<sup>2</sup> e é composto por 14 municípios: Muribeca, Amparo de São Francisco, Brejo Grande, Canhoba, Cedro de São João, Ilha das Flores, Japoatã, Malhada dos Bois, Neópolis, Pacatuba, Propriá, Santana do São Francisco, São Francisco e Telha. A população total do território é de 125.193 habitantes, dos quais 52.536 vivem na área rural, o que corresponde a 41,96% do total. Possui 6.900 agricultores familiares, 907 famílias assentadas e 4 comunidades quilombolas. Seu IDH médio é 0,61 na escala de 1.

Ainda através de dados sociodemográficos, a maior parte produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região apresenta o menor IDH do estado de Sergipe, abriga apenas pequena parte da população, tem Produto Interno Bruto (PIB) bastante pequeno, além do que, devido à proximidade com o rio, essa região foi considerada região para desenvolvimento em meados do século passado. A região como um todo abriga sete comunidades quilombolas e pelo menos treze assentamentos de reforma agrária, que demandam políticas públicas diferenciadas. O programa governamental chamado Territórios da Cidadania do anterior Ministério do Desenvolvimento Agrário, hoje



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que tinha como objetivos promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável, informava investimentos de 98,7 (noventa e oito, vírgula sete) milhões de reais em ações que tratam de apoio à produção agrária, à cidadania e infraestrutura no período de 2009 à 2015 (PORTAL TERRITÓRIOS DA CIDADANIA, 2014).

O Baixo São Francisco se tornou objeto de estudo desde a ocorrência de uma perícia socioambiental realizada pelo próprio grupo de pesquisa nesta região. Advinda de uma encomenda do Judiciário, um dos professores integrantes Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos (GEPEC) foi nomeado como perito dos processos 0002809-27.2002.4.05.8500 e 0000420-35.2003.4.05.8500 da Segunda Vara de Justiça Federal de Sergipe. A razão que motivou estes processos judiciais é argumentada pelo fato de que a instalação e o funcionamento da Usina Hidrelétrica de Xingó haveria produzido grandes danos socioambientais na vida dos moradores do povoado Cabeço, no município de Brejo Grande/SE, seja pela inundação completa do povoado, seja pela restrição das condições de pesca na região, em uma lide iniciada em 2002.

Para a confecção do laudo pericial demandado, a perícia socioambiental, em parte equipe dessa pesquisa, realizou, dentre outras ações, um estudo que totalizou 45 (quarenta e cinco) viagens a campo, passando por 25 (vinte e cinco) localidades da região, realizadas entre junho de 2012 e dezembro de 2014. Essas visitas tiveram como função a produção de registros que descrevessem o cotidiano da vida local. A inspiração do olhar nesses registros voltados para o cotidiano buscava preparar o terreno para a análise das práticas, crenças e valores que perpassam as relações entre órgãos estatais, empresas e grupos comunitários, possível via para conhecer as tensões vividas na região (MENDONÇA FILHO & ANDRADE, 2016).

A partir dos registros realizados nessas idas a campo e do histórico da região, pode-se constatar novas configurações no universo do trabalho. De acordo com Mendonça Filho



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

e Carvalho (2016), há dois modos diferentes de produção coexistindo e atravessando as relações no Baixo São Francisco desde o século XVII até a atualidade. O primeiro modo é o de subsistência e segundo o verbete constitui-se “produção voltada ao consumo do próprio produtor e daqueles com quem ele vive”. Já o segundo, é o comercial, que atende aos anseios do mercado. Contudo, tais formas de produção e suas dinâmicas sociais vêm passando por diversas transformações com a intensificação do desenvolvimentismo, em especial com a implantação da Usina Hidrelétrica Xingó. A partir do crescimento do projeto de desenvolvimento nacional nas comunidades que circundam o “Velho Chico”, o Baixo São Francisco tem vivido um gradual desarranjo dos modos de subsistência, com uma “perda de *sustentabilidade* por tornar as pessoas dependentes do fluxo (em geral limitado e instável) de dinheiro” (MENDONÇA FILHO & CARVALHO). Assim, assiste-se a uma mudança das sociabilidades dos ribeirinhos em decorrência das modificações nos modos de produção.

Uma das alterações nas formas de trabalho que vem se processando no Baixo São Francisco diz respeito à modernização da produção agrícola. Nesse sentido, Sousa (2011) aponta uma territorialização do capitalismo no meio rural, com o incremento de tecnologias modernas com fins de aumento de produtividade. Para a autora, reside nesse processo uma das contradições do capitalismo, pois este sistema não aceita o “ser camponês” e ao levar a modernização para o campo tenta alçar o campesinato ao *status* de agricultura familiar; todavia, ela aponta que ao adquirir maquinário moderno, o pequeno produtor se endivida e acaba correndo o risco de perder sua terra. Dessa forma, Sousa ressalta que no Baixo São Francisco a modernização da agricultura revela outro lado do desenvolvimentismo na medida em que as famílias camponesas ficam “na luta acirrada pela manutenção da vida” e a miséria é estabelecida, enquanto o capital se beneficia com grandes rendimentos, atendendo ao mercado.

Apesar das alterações acima indicadas, Shimada (2011) ressalta que em Sergipe, a economia açucareira ainda tem grande destaque. Segundo a autora, a cana-de-açúcar está





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

incorporada na ordenação do agronegócio, se adequando às imposições do mercado, com o aumento da produção do açúcar e de álcool etílico para agrocombustível. Um das consequências da produção e exportação da cana leva a uma crescente concentração de terras entre os grandes empresários, além da exploração do trabalhador de corte de cana, submetido a condições precarizadas de trabalho (Shimada, 2011).

## **1.2 Ensaio sobre a dádiva e o sistema de prestações totais**

A obra Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, publicada inicialmente em 1925, inspira o olhar da pesquisa sobre o dispêndio e modos de vida no Baixo São Francisco, haja vista Mauss ter se utilizado de etnografias colhidas por outros pesquisadores; além de ser a fonte das ideias da noção tratada por Bataille. Nesse sentido, o livro pode indicar para o presente estudo importantes caminhos metodológicos, como o método de comparação preciso. Mauss apresenta alguns aspectos do método usado por ele para estudar o *potlatch*, como a determinação e escolha de localidades específicas (Polinésia, Noroeste americano e Melanésia) e algumas grandes tradições do Direito (Direito romano antigo, Direito hindu clássico, Direito germânico e Direito chinês). Além disso, outra característica apontada por Mauss e que tem grande relevância da análise documental realizada nesta pesquisa, remete à preocupação do autor em descrever de forma integral cada sistema que serviu como objeto de estudo. Deve-se, ainda, ressaltar a observação que Mauss faz ao afirmar que “renunciamos, portanto, a essa comparação constante em que tudo se mistura e em que as instituições perdem toda cor local, e os documentos seu sabor”, para que nas aproximações entre dispêndio, cotidiano e modos de vida do Baixo São Francisco não seja cometido o risco apontado no Ensaio sobre a dádiva. Por fim, Mauss contribui com o método do estudo aqui desenvolvido, na medida em que se utiliza de etnografias, forma de observação e registro que requer um estranhamento da realidade e desnaturalização de algumas práticas; tarefa esta necessária na pesquisa das tensões sócio-históricas nos modos de vida.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

O sistema de prestações econômicas das sociedades arcaicas se insere, para Mauss, no campo dos fenômenos sociais “totais”, em que se pode observar aspectos religiosos, jurídicos, morais, econômicos e de outras instituições daquela sociedade. Entretanto, esses fatos sociais são “totais” não porque abrangem toda a organização social, mas pela força e reverberações dessas práticas dentro do grupo. Dentro desse “*sistema de prestações totais*”, o autor se utilizou do *Potlatch* para investigar os modos como essas sociedades primitivas se estruturam e normatizam. Dessa forma, Mauss reservou para seu estudo, dentre os vários sentidos de *Potlatch*, as noções de “nutrir” e “consumir” para as práticas de prestações e contraprestações por ele observadas. Marcel Mauss caracteriza, ainda, o *Potlatch* como uma instituição de “*prestações totais de tipo agonístico*”; ou seja, uma relação em que através das obrigações de dar, receber e retribuir as dídivas se instaura um modelo de rivalidade entre chefes de tribos e clãs, podendo essa prática levar à falência pela via da destruição mútua.

Estabelecidos os locais e estruturados os sistemas que servem para investigar como se dão essas prestações totais, Mauss faz algumas observações. Uma delas diz respeito ao “presente dado aos deuses”, pois no *Potlatch* as relações são, a todo instante, mediadas pelo mito e pelos deuses; portanto, o sacrifício é o auge da qualidade do objeto trocado. Nesse sentido, o autor destaca que:

não é somente para manifestar poder, riqueza e desprendimento que escravos são mortos, que óleos preciosos são queimados, que o cobre é lançado ao mar e até mesmo casas suntuosas são incendiadas. É também para sacrificar aos espíritos e aos deuses, em verdade confundidos com suas encarnações vivas, os portadores de seus títulos, seus aliados iniciados (MAUSS, 2003, p.206).

Mauss ainda atenta para o que ele denominou teoria da esmola, a qual tem suas bases na concepção moral da dádiva e da fortuna, mas também na ideia do sacrifício, dando início à “doutrina da caridade e da esmola”, amplamente difundida através do cristianismo e islã. A passagem para a esmola, citada no Ensaio sobre a dádiva servirá de base para a



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

discussão que Bataille trata em sua “noção do dispêndio” acerca das implicações de tal prática na cultura ocidental.

Analisados os sistemas de prestações em seus devidos locais, Mauss chega a alguns entendimentos, sendo o primeiro a “conclusão de moral” e avisando que se podem prolongar tais notas às sociedades de sua época, início do século XX. Isso porque, como apontado no Ensaio sobre a dádiva, observa-se valores semelhantes aos do *potlatch*, em que objetos têm, além do valor venal, valores afetivos; do mesmo modo que se deve retribuir mais do que se ganhou. É comum, também que as famílias despendam mais do que podem em festas de casamento, aniversários etc, para mostrar que se é um “grande senhor” (MAUSS, 2003), aspectos ainda percebidos atualmente. Na primeira conclusão, Mauss complementa que há uma moral eterna, presente nas sociedades mais arcaicas e nas mais evoluídas, em que o indivíduo precisa ter “um senso agudo de si mesmo, mas dos outros, da realidade social” para que sua ação considere a si, aos grupos pelos quais passa e à sociedade.

O segundo resultado de Mauss sobre o sistema de prestações agonísticos envolve “conclusões de sociologia econômica e de economia política”. Nesta parte do estudo, o autor destaca que tais estudos podem auxiliar a distinguir melhores formas de gestão nas sociedades modernas. Tal nota se deve aos, de acordo com Mauss, resquícios da noção de valor das economias de sociedades arcaicas (impregnadas de elementos religiosos e com fortes relações de poder) que podem ainda ser encontrados hodiernamente no mercado. Para Mauss, as sociedades ocidentais criaram o *homo oeconomicus*, porém ainda se encontra nas diversas classes sociais características de dispêndio puro e irracional, prática originada no *Potlatch* e entendido como destruição, além de outros indícios das relações e prestações econômicas primitivas. Esse entendimento estrutura a concepção de dispêndio para Georges Bataille.

Por fim, na “conclusão de sociologia geral e de moral”, Mauss versa sobre as transformações que passam as dinâmicas da organização social a partir dos fatos sociais



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

totais. Ademais, o autor descreve como teria havido uma evolução das sociedades quando conseguiram estabilizar os sistemas de prestações e equilibrar as obrigações de dar, receber e retribuir. Concepções essas importantes para Bataille tratar da ideia de dispêndio, bem como para as investigações da pesquisa no Baixo São Francisco, já que contribuem para a compreensão do cotidiano ribeirinho como campo de tensões, que podem ser lidas a partir de contornos que um olhar em psicologia social pode produzir.

### **1.3 Dispêndio improdutivo e atividades humanas**

A ideia do dispêndio como destruição foi inicialmente desenvolvida por Georges Bataille em seu artigo “A noção do dispêndio”, de 1933, e hoje está no livro *A parte maldita: precedida da noção de dispêndio* (2013). Apesar de ter ciência que o autor adota visões bastante heterodoxas, a discente sentiu grande dificuldade na leitura do texto, o qual só se tornou mais compreensível com o auxílio do professor orientador. Foi, ainda, necessário, para a aluna, retornar algumas vezes à obra *Ensaio sobre a dádiva*, texto base para “A noção do dispêndio”. Outra questão bastante discutida durante as reuniões com o professor diz respeito ao aspecto universalizante que a concepção de Bataille sobre o dispêndio traz, como apontado por Jean Piel na apresentação da obra *A Parte Maldita*, em que ele descreve como “uma espécie de ensaio sobre a história universal”. Essa marca do dispêndio gerou, pois, grande desconforto durante a leitura do texto, levando a vários questionamentos nas reuniões e discussões sobre os limites da teoria de Bataille e ambição de suas ideias.

Para Bataille, a sociedade não discute de forma plena o valor fundamental da palavra útil, havendo um falseamento do debate e o questionamento inicial sendo evitado. Todavia, para o autor esta é uma discussão da utilidade recorrente no tipo de pensamento corrente, uma vez que ela serve, na realidade, para camuflar o dispêndio, a perda que há nas relações e prestações. De acordo com Bataille, o consumo da atividade humana pode ser decomposto em dois momentos diferentes. O primeiro diz respeito ao “uso do mínimo



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

necessário”, enquanto o segundo se refere a práticas que têm seu fim em si mesmas e a esta forma improdutivo de consumo o autor designou dispêndio. Bataille faz aproximações entre sua concepção de dispêndio e o dispêndio do *Potlatch*, com a ressalva de que no segundo a destruição pode levar à multiplicação das riquezas. Por conseguinte, é assinalado que a ideia de *Potlatch* deve ser destinada apenas para os dispêndios de tipo agonístico, em que há troca de dádivas mediante rivalidades; estando o dispêndio improdutivo em função de manter uma posição, porém sem provocar o aniquilamento do outro. Concomitante ao processo de modificação do dispêndio nas sociedades modernas, o dispêndio pagão e os grandes sacrifícios em cultos deram espaço, com a disseminação do cristianismo, à esmola livre (a qual não provoca grandes perdas materiais), doada pelos ricos aos mosteiros e igrejas (BATAILLE, 2013).

Outro caráter que, para Bataille, o cristianismo potencializou foi a “alternância de exaltação e de angústia, de suplicios e de orgias”, haja vista Deus ter passado a fazer parte do “jogo sanguinolento da guerra social”. Neste ponto do desenvolvimento da noção do dispêndio, a aluna percebeu algumas influências do que Nietzsche denominou moral do ressentimento, apesar de o filósofo alemão não ser diretamente citado por Bataille. A implicação seguinte da transformação que o cristianismo causou diz respeito à luta de classes, posto que para o autor o dispêndio de classes não se dá por uma consciência de classe, mas por uma “orgia agonística mental”. Dessa maneira, Bataille retira o racionalismo da discussão econômica, voltando ao debate da atribuição de utilidade às atividades humanas.

A discussão em Bataille, portanto, aproxima o *potlatch* de Mauss às ideias de Certeau, uma vez que faz aparecer o dispêndio em coisas menores da vida: no jogo, nas joias, na poesia. O dispêndio vira passagem da agonística das riquezas de Mauss para as artes do fraco na teoria certauniana do cotidiano.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

#### **1.4 A massa marginal e um novo tipo do cotidiano**

Michel de Certeau vincula sua caracterização de cotidiano às ideias de “estratégia” e “tática”. A primeira Certeau elabora como o “cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (LEITE, 2010). Já a segunda se refere à “arte do fraco” e se liga à astúcia, que “opera golpe por golpe”. Em vista disso, a teoria de Certeau tem uma particularidade de grande relevância, como nos mostra Leite ao apontar que:

A noção de cotidiano como práticas, em Certeau, portanto, permite que se analise formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana. (LEITE, 2010, p.747)

Todavia, para realizar uma completa análise de conceito pela ótica certeauiana, deve-se vincular o par de conceitos “estratégia” e “tática” ao de “espaço” e “lugar”. Leite aponta que no espaço há margem para fissuras e criação de novas práticas, posto que nele não existam posições definidas. Já no lugar, há uma demarcação permanente, “mediante práticas sociais e usos semelhantes” (LEITE, 2010).

Assim, Certeau (1994) avisa que tem como intuito principal trazer à tona as “combinatórias de operações” que constituem (junto a outros fatores) uma “cultura” e descobrir os moldes de conduta pertinentes aos usuários. Para estes últimos, Certeau faz a ressalva de que eles são denominados consumidores; sendo, na verdade, dominados, porém, ainda assim, não podem ser caracterizados como “passivos ou dóceis”. Ou seja, para o autor, há um modo de ação, da ordem do “consumo”, relativo às “*maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem dominante”, que se põe de maneira “silenciosa e quase invisível” e subverte as leis impostas aos dominados (CERTEAU, 1994, p.39). Este novo tipo de uso é apontado pelo autor como difuso e pouco visível porque diz respeito a uma



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

massa marginal (que, entretanto, não é homogênea), não reconhecida como produtora de cultura, mas que consome e paga.

Para Certeau, as táticas (que se dão a partir de oportunidades emergidas em breves momentos), dispositivos que formam uma “rede de antidisciplina”, reapropriam o espaço com as novas maneiras de fazer. A tática, que “só tem por lugar o do outro” (CERTEAU, 1994, p.45), com seu rearranjo oculto no jogo de poder politiza as experiências cotidianas. Com esta noção emergem novos modos de conceber as ações dos ribeirinhos frente às medidas do desenvolvimentismo na região. Tal compreensão ajuda a compor, então, o escopo do que aparece como tensões nos modos de vida local. Assim, não há um tratamento genérico do que é abordado; o olhar se volta para a dinâmica que análise das táticas proporciona.

## **2. Objetivos**

Este projeto de iniciação científica teve por objetivo principal explorar as tensões nos modos de vida do Baixo São Francisco a partir da noção do dispêndio e do cotidiano ribeirinho. O pano de fundo para tal análise foi as transformações na região desencadeadas pelo desenvolvimentismo. Já este plano de trabalho teve como objetivo realizar uma caracterização do cotidiano do Baixo São Francisco. A finalidade foi efetuar aproximações entre elementos da vida ribeirinha e a teoria certauniana do cotidiano. Para isso, foram utilizadas as categorias trabalho e moradias, a partir dos registros de diários de campo e laudo pericial. A pesquisa teve, ainda, como intenção analisar de quais maneiras o conceito de dispêndio, desenvolvido por Georges Bataille, pode auxiliar na visualização do cotidiano certauniano na vida dos ribeirinhos, através dos conflitos e tensões observadas na região.

Além disso, houve também a finalidade de proporcionar à discente o desenvolvimento e prática da escrita acadêmica. Outrossim, a leitura e compreensão de alguns conceitos e manuseio de documentos para pesquisa atuaram como importantes fins da presente pesquisa.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

### **3. Metodologia**

O presente estudo teve como importante referencial teórico-metodológico para a seleção e tratamento do material colhido para discussão, a Arqueologia do Saber (2008). A partir da noção de crítica do documento, Foucault (2008) aponta para uma mudança de abordagem por parte da história. Nesse sentido, o autor aponta que:

A história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalha-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações (FOUCAULT, 2008, p.7).

O documento passou, assim, a ser entendido como um monumento e a questão norteadora se tornou estabelecer séries. Como consequência, o pesquisador não faz mais distinção entre notáveis e acontecimentos pequenos, “mas sim tipos de acontecimentos de nível inteiramente diferente” (FOUCAULT, 2008, p.8). A concepção de documento monumento serviu de inspiração para o modo de lidar com o material do acervo documental da pesquisa.

Para o desenvolvimento deste projeto de iniciação científica a discente teve acesso a todos os documentos produzidos pelos pesquisadores do Grupo de Estudo e Pesquisa em Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos, envolvidos no acervo encontrado digitalmente nos computadores ou impressos na sala do GEPEC, constando áudios de diálogos com ribeirinhos, fotografias do povoado Cabeço, laudo pericial, autos do processo contra a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e 55 diários de campo. Este último tipo de registro, feito após cada viagem pelos alunos que foram a campo, foi amplamente utilizado no presente estudo, tendo havido certa afeição da discente por esse modo de narrar as incursões em campo





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

O laudo pericial é composto por 6 partes. As considerações iniciais apresentam o laudo e o intuito primordial da equipe socioambiental, formular parecer acerca dos reflexos da construção da Usina Hidrelétrica no Baixo São Francisco. A metodologia do laudo expõe o delineamento do estudo realizado, de inspiração etnográfica e etnometodológica. O glossário reúne 30 verbetes, que explicam constructos e conceitos utilizados na confecção do laudo. Para as indagações às partes foram feitos os quesitos (respectivamente respondidos pelos peritos), dos quais a aluna teve acesso a 23 e utilizou na pesquisa os de número 10, 29, 31, 32 e 35, com maior aproveitamento do 10 (que interpela sobre as mudanças da UHE no sustento familiar, relações socioeconômicas dos ribeirinhos e viabilidade econômica da exploração da terra inundável). Os anexos do laudo agregam fotos, notas do perito, notas da perita, croqui do antigo Cabeço, composição da equipe pericial e índice de Gini (2010)<sup>1</sup> dos municípios do Baixo São Francisco. Por fim, estão as referências bibliográficas, que revelam a base teórico-metodológica do laudo.

. Do acervo documental disponível, optou-se por trabalhar com os diários de campo, disponíveis em um só arquivo Portable Document Format (PDF) e organizados com uma estrutura padrão que identificava o dia de ida campo, estagiário e local. Após a leitura de todos os registros, foram selecionados inicialmente 4 registros referentes a 3 dias (09/05/2013, 15/05/2013 e 21/05/2013) para a análise a primeira categoria escolhida – “moradias”. Em seguida, passaram a ser utilizados para a segunda categoria de discussão – trabalho – 2 registros de 1 ida a campo (17/01/2014). A partir desses dias de visita a campo que a discente pode visualizar a possibilidade de explorar as tensões do campo social a partir da teoria certauniana e do dispêndio, por isso a escolha por se dedicar em especial a estas passagens dos diários.

---

<sup>1</sup> Coeficiente que serve para medir o nível de concentração de renda em um grupo – país, unidade federativa ou municípios.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **4. Resultados e discussões**

A ótica certauniana de leitura do cotidiano considera a contraposição estratégia e tática como peças essenciais de toda uma “cultura” em que usuários subvertem determinados moldes no ‘espaço’ – próprio para a formação de novos procedimentos. Diante da concepção de que “o cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (CERTEAU, 1994, p.38) foram abordados dois aspectos fundamentais da vida ribeirinha para análise: Moradias e trabalho.

Relativo à esfera da habitação, discutiu-se como os ribeirinhos buscaram maneiras de fazer particulares para resistir em meio à precariedade dos programas habitacionais para a região. Percebeu-se com a análise documental, que há no planejamento da infraestrutura das casas do Minha Casa Minha Vida aspectos a serem questionados, além da demora na entrega das unidades (que foram ocupadas pelas famílias) culminando em desocupações das moradias.

No que diz respeito ao trabalho, notou-se alguns aspectos que revelam falhas dos programas assistencialistas, na medida em que as políticas desenvolvimentistas aplicadas na região por vezes desconsideram os modos de vida ali presentes. Isso pode implicar em um descompasso entre o uso concebido e o efetuado de determinados instrumentos que visam o progresso – como foi percebido com o ‘episódio das bombas’.

### **4.1 Uma Casa Nossas Vidas (em choque)**

Por ser uma importante característica de como as relações se dão e dos impactos no cotidiano tanto coletivo quanto individual, as moradias foram consideradas uma categoria de análise das transformações dos modos de vida no Baixo São Francisco. Isto porque, a partir de certos registros de idas a campo durante a produção do laudo, foi possível observar uma mudança de sociabilidades em detrimento das transformações nos modos de viver com as novas construções habitacionais no povoado Saramém.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Pode-se notar este rearranjo social acompanhado do arquitetônico caracterizando-se brevemente as moradias do povoado Cabeço. Como apontado pelo quesito 10 da parte autora do laudo pericial (MENDONÇA FILHO & CARVALHO), para se construir uma casa na região era necessário apenas obter autorização dos próprios moradores, que através de um Conselho, faziam a mediação para autorização formal da Marinha. Dessa forma, percebe-se que havia maior independência para a construção das moradias que se dispunham, ainda de acordo com o laudo, na rua principal indo do porto à igreja e em ruas transversais que se expandiam até as vias da praia e resto do povoado. O quesito do laudo se refere, ainda, à mudança de posicionamento das casas, que antes ficavam viradas para o rio e depois passaram a ter suas portas para a rua, apontando as modificações nas maneiras de vivenciar e habitar os entornos do rio. Entre o Cabeço e o Saramém a própria arquitetura das casas mostra o caráter das transformações; antes (obtido aval da comunidade e da Marinha) o morador poderia decidir com maior poderio próprio o modo de construção de sua residência, da quantidade de cômodos ao posicionamento das portas e janelas.

Por conseguinte, Mendonça Filho e Carvalho (2016) apontam para a perda de “da liberdade de construção” que os moradores experienciaram ao se mudarem para o povoado Saramém, visto que as novas casas foram construídas seguindo padrões alheios aos dos moradores no antigo Cabeço. Nesse sentido, o quesito 10 do referido laudo pericial evoca pesquisa de Albuquerque sobre os lotes habitacionais construídos no Povoado Saramém. No primeiro, em 1999, a prefeitura construiu 80 casas, que serviram a desabrigados do Cabeço e moradores da antiga comunidade Porto Saramém; já nesse momento foi possível perceber, de acordo com o estudo, que as residências entregues já compunham um conjunto habitacional, sem mais a estrutura de uma vila de pescadores. Em seguida, por pressão da comunidade, foram entregues mais 16 casas e assim como as primeiras, consideradas pelos próprios moradores como deficientes em infraestrutura. Essas duas primeiras remessas de unidades habitacionais foram informalmente denominadas “Casas do Cabeço” e depois vieram as “Casas de Maria do Carmo”, por causa da senadora sergipana. Posteriormente,



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

em 2008, vieram as “Casas da Norcon” para os moradores do povoado Resina e, por fim, as “Casas da Caixa”, feitas em 2010 através do programa Minha Casa Minha Vida.

Conforme o laudo pericial, as casas construídas não possuíam infraestrutura básica para abrigar as famílias, além de apresentarem disposições espaciais e arquitetônicas bastante diferentes das moradias encontradas no Cabeço. Consoante a isto, destaca-se passagem das notas do perito em conversa com uma moradora:

Eu passei um sufoco nessa casa, com 05 crianças pequenas e dois adultos com um quarto só, o banheiro fora da casa, e sem dinheiro para fazer mais nada. Todas as casas eram um modelo só, que casa feia! Ninguém queria vir. Os oitenta reclamaram muito porque lá botava o pé para fora da estava na praia. No Cabeço só era sair de casa e já estava pescando (MENDONÇA FILHO & CARVALHO).

Tendo em vista as tensões instauradas com a passagem dos moradores do Cabeço para o Saramém e os impactos das novas casas nos modos de vida, optou-se por analisar aspectos do cotidiano ribeirinho a partir da categoria “moradia” e indicar possíveis interseções com a teoria certauniana. Por isso, foram separados 4 registros dos diários de campo referentes a 3 dias, que se concatenam ao tema tratado, em especial, registro relativo à desocupação das moradias do “Minha Casa Minha Vida”.

A primeira vez que a equipe pericial tomou conhecimento da desocupação em andamento foi dia 09 de maio de 2013, pois chegaram na cidade de Brejo Grande e logo souberam que no dia anterior a polícia do Choque havia estado lá para retirar os moradores de 30 casas. Dessas famílias que deixaram as habitações, algumas foram encaminhadas temporariamente para um galpão antigo de arroz. Na viagem seguinte, em 15 de maio de 2013, as estagiárias foram ao Saramém para acompanhar a desocupação após serem informadas de que aconteceria naquele dia, entretanto a Choque ficou apenas no povoado Brejão. Nessa ida a campo, porém, elas descobriram que as casas, construídas com o Minha Casa Minha Vida, estavam prontas há cinco anos e foram ocupadas há cerca de quatro e meio por famílias cadastradas ou não no programa, por causa da morosidade em terminar as moradias e entrega-las.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Finalmente no dia 21 de maio de 2013 as estudantes estiveram presentes durante a desocupação no Saramém, quando apareceu a equipe formada por oficial de justiça, psicóloga, assistentes sociais, auxiliar administrativa da prefeitura, pintor para enumerar as casas, policiais, fotógrafo e um homem para arrombar portas e janelas. Deste episódio, faz-se necessário destacar a construção das “casas de palha” por alguns moradores expulsos pela desapropriação. Concernente a isto, encontra-se no diário de campo:

Algumas famílias saíram das casas e alugaram outras no mesmo povoado, outras foram para casas de parentes e ainda umas famílias que não tinham para onde ir fizeram casas de palha para se instalarem, essas casas de palha foram construídas na beira do rio e outras quatro famílias construíram as casas no terreno próximo às casas, território da prefeitura (Diário de campo – Povoado Saramém, 21/05/2013).

Ademais, desta ida a campo, deve-se ainda demarcar uma passagem dos diários de campo sobre a camisa utilizada por uma assistente social interpelada por uma das estagiárias, em que lia-se a frase “Sergipe mais justo” (Diário de campo – Povoado Saramém, 21/05/2013). Evidencia-se, assim, uma ambiguidade marcada pela distância entre o dito na roupa da profissional e os efeitos produzidos pela ação da equipe ali presente.

A partir dos diários de campo foi possível notar como o episódio da desocupação no povoado Saramém afetou a dinâmica local e, assim, podem-se tecer indicativos de relações entre a teoria cereteuniana e as moradias no Saramém. Na medida em que as habitações foram projetadas seguindo padrões arquitetônicos de programas institucionais, as formas planejadas de existência para as novas moradias se aproximam da estratégia pensada por Certeau (1994). Há, pois, uma presença mais explícita das forças exercidas por um sujeito de poder, neste caso, o domínio estatal para as construções; bem como a ação do “braço forte” da polícia durante o processo de desocupação. Em contrapartida, veem-se indícios da “arte do fraco” das táticas operadas por uma massa marginal com o movimento dos ribeirinhos que foram expulsos das casas ocupadas e sem perspectiva de outro lugar para



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

morar, aproveitaram o momento e ergueram as “casas de palha” para si. São sinais da rede de antidisciplina, que para Certeau reconstitui o espaço e fomenta uma politização do cotidiano.

## **4.2 “Não pense em crise, trabalhe”<sup>2</sup>**

A implementação de políticas desenvolvimentistas e de políticas assistencialistas no Baixo São Francisco gerou impactos de ordens tanto econômicas quanto sociais e culturais. À vista disso, tratar dos modos de produção que coexistem na região apresenta-se de vital importância para a discussão das transformações nos modos de vida e tensões percebidas no Povoado Saramém e proximidades. Segundo o verbete 8 (“efeito arrendamento”) do laudo (MENDONÇA FILHO & CARVALHO, 2016), com as transformações nos modos de vida e de sustento, houve também o chamado “efeito arrendamento”, que se apresenta em um panorama de desarticulação dos tipos tradicionais de existência. Para os autores, há no Baixo São Francisco uma distinção entre a dinâmica anterior, ligada aos ciclos econômicos previamente existentes, como arroz e cana de açúcar e a atual situação que a instalação da Usina Hidrelétrica assinala enquanto marco histórico relevante. Relativa à primeira conjuntura nota-se a formação de exércitos de reservas prontos a serem acionados para o trabalho; já no segundo contexto, existe uma relação de reparação econômica – através dos programas assistencialistas – pelas mudanças advindas com o novo aparato técnico e político de produção de energia. Pode-se verificar nitidamente essa perspectiva dos autores, com a indicação de que:

Associado à implantação de benefícios, como o Seguro Defeso e o programa Bolsa Família, tal como vem ocorrendo nos últimos vinte anos na região, produz-se para os ribeirinhos do Baixo São Francisco um efeito de “compensação financeira” e não de parcela por participação na produção (pagamento pela força de trabalho) como era o caso dos ciclos precedentes (MENDONÇA FILHO & CARVALHO, verbete 8, 2016).

---

<sup>2</sup> Frase proferida por Michel Temer durante o discurso de posse da presidência em 12 de junho de 2016.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Por causa das mudanças percebidas no espaço social do trabalho, este foi selecionado como categoria de análise de variações nas sociabilidades, a fim de operar aproximações entre o cotidiano e aspectos dos modos de produção. Conforme aponta Mendonça Filho e Carvalho (2016) no verbete 22 (“políticas de desenvolvimento econômico”), a lógica da economia moderna preza pelo maior grau de produtividade e investimentos estratégicos a fim de possibilitar aos indivíduos o acúmulo de riquezas. Contudo, apesar do projeto desenvolvimentista para o Baixo São Francisco, os autores apontam que as políticas de progresso para a região insistem em instaurar uma “funcionalidade sistêmica”. Ou seja, o fomento (de iniciativa pública ou privada) aos serviços de educação, saúde e segurança pública e demais aspectos das atribuições públicas não têm atendido satisfatoriamente aos modos de vida dos ribeirinhos. Neste ponto, é possível efetuar interlocuções com a noção do dispêndio, pois Bataille salienta que da discussão da utilidade nas atividades humanas não é bem operacionalizada. O valor da palavra útil não é discorrido de forma eficiente em nossas sociedades porque esse questionamento exerce, para Bataille, o papel de disfarce para a perda que desenha dispêndio nas relações; portanto, há mais a se tratar nessas questões do que meramente apontar falhas e efêmeras correções técnicas.

Ainda que Mendonça Filho e Carvalho (2016) assinalem uma ineficiência das ações de desenvolvimento econômico em abranger necessidades básicas dos moradores da região, os ribeirinhos têm por vezes papéis ativos nas práticas de produção capitalista. Isso porque se pode encontrar no universo do trabalho no Baixo São Francisco elementos do cotidiano certauniano e da contraposição entre estratégias e táticas. Em registros dos diários de campo dos estagiários que foram a campo com a equipe pericial, no dia 17 de janeiro de 2014, aparece um episódio em que esta relação de forças entre uma parte de poder e a um sujeito hipossuficiente. Na visita de duas alunas a Bonsucesso, assentamento do Movimento dos Sem Terra no município de Poço Redondo, em determinada conversa com



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

uma moradora, há indicativos da “arte do fraco”, a tática que aparece na teoria de Certeau (1994). Para se analisar o relato batizado informalmente “episódio das bombas”, foram separados dois registros dos diários de campo e em um deles a aluna conta que:

Existem algumas plantações, dona Zélia planta apenas nas épocas de chuva. Isso porque as plantações são irrigadas e a água vem diretamente do rio São Francisco, a associação compartilha uma bomba pra todos os agricultores, a dona Zélia diz que não usa mais a bomba e prefere esperar a chuva vir pois a conta de energia que eles dividem é cara demais, e alguns pagam muito enquanto outros ficam devendo. Segundo esta é mais prejuízo. (Diário de campo – Assentamento Bonsucesso, 17/01/2014).

As bombas a que se referiu Dona Zélia foram resultado de anos de políticas de planejamento econômico para as adjacências do rio São Francisco. Segundo Araújo (2005), os governos militares intensificaram o processo de investimento na região ao longo do Velho Chico a partir da ideologia “Brasil Grande”, tendo eles criado em 1967 o Grupo Executivo Para a Irrigação e Desenvolvimento. Concomitante ao GEIDA foi formada a Superintendência do Vale do São Francisco, a qual posteriormente deu lugar à Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. Tanto a repartição quanto a empresa citadas implementaram programas de irrigação nas margens do rio, a exemplo do Programa Nacional de Irrigação. Araújo (2005) salienta, ainda, que as ações governamentais na região se articulavam às demandas econômicas do centro-sul, ignorando as relações de produção já existentes no Baixo São Francisco. Constata-se, à vista dessas interferências desenvolvimentistas, que os dispositivos capitalistas não aceitam o modo de ser do camponês e o transfiguram em pequeno produtor (SOUSA, 2011).

Além disso, a partir do relato sobre o trabalho de Dona Zélia (que não dispunha de recursos suficientes para usufruir da tecnologia levada pelo Estado) percebe-se a ineficácia dos programas assistencialistas em atender às demandas dos ribeirinhos, que criam *maneiras de fazer* para lidar com as adversidades. Assim, as táticas possibilitam aos moradores do Baixo São Francisco a sobrevivência e continuidade da produção econômica após as transformações que a instauração da UHE na região causou. Através dos artifícios





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

que os ribeirinhos inventam instaura-se não somente um novo modo de funcionamento, como um cenário de resistência às estratégias arbitrárias. Portanto, as táticas dos ribeirinhos possibilitam a manutenção da vida frente às violências acarretadas com políticas desenvolvimentistas que ignoram os cotidianos já compostos antes.

## **5. Conclusões**

Decorrida a execução do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica, a aluna do plano de trabalho pode exercitar um novo tipo de leitura, se aproximando dos autores trabalhados durante o presente estudo. Com a confecção dos relatórios (semestral e final) foi possível, ainda, à discente desenvolver melhor sua escrita acadêmica. Por conseguinte, o presente estudo apresentou à orientanda novas formas de olhar para as políticas desenvolvimentistas, bem como notabilizou diferentes modos de existência e resistência.

De acordo com o verbete 12 (“indivíduo, sujeito e pessoa”) de Mendonça Filho e Carvalho (2016) as ‘funções sujeito’ aparecem como aspectos de práticas discursivas (constituídas historicamente) e o indivíduo desponta como um recurso de identificação do Estado para diferenciar os governados. Logo, veem-se novas subjetivações às margens do São Francisco moldadas pelas noções de valor e progresso à medida que as políticas governamentais desconsideram a multiplicidade dos sujeitos antecedentes, em detrimento do desenvolvimento econômico. Analisados os dados selecionados para tratar das tensões nos modos de vida do Baixo São Francisco, percebeu-se que as políticas de desenvolvimento para a região levam a um assujeitamento; processo de universalização e naturalização de determinados padrões existenciais, em que o tipo de “existência social é fixado a partir de critérios estéticos e éticos preestabelecidos” (verbeta 5, “assujeitamento”, MENDONÇA FILHO & CARVALHO, 2016).

Como consequência, os ribeirinhos assumem diferentes papéis sociais daqueles desempenhados anteriormente. Deve-se, ainda, considerar a perda de liberdade por que passaram os moradores do Baixo São Francisco, como apontado pelo verbete 18 (“norma e



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

autonomia”) em Mendonça Filho e Carvalho (2016), pois os ribeirinhos tiveram suas capacidades normativas diminuídas, lidando cada vez mais com normas instituídas por agentes externos àquelas comunidades.

Em suma, este estudo possibilitou apurar a compreensão da importância que se tem em renitir diante de políticas que levam a processos heteronômicos; conforme Oliveira “a resistência como motor de transformações para a vida”<sup>3</sup>. Com o ato de resistir ao progresso e à acumulação capitalística, por meio de táticas, persistem também formas de existência que dizem de vastas construções sócio-históricas.

## **6. Perspectivas**

A execução do plano de trabalho ‘Caracterização do cotidiano do Baixo São Francisco’ teve como um dos principais desafios a desorganização do acervo documental. Portanto, recomenda-se a arrumação e sistematização dos arquivos, atualmente dispostos em diferentes pastas nos computadores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Exclusão e Cidadania. Além disso, sugere-se para as próximas pesquisas com os documentos do laudo pericial a visita ao Baixo São Francisco – em especial ao Povoado Saramém, no Brejo Grande – antes do manejo com o acervo.

A pesquisa sobre as tensões nos modos de vida do Baixo São Francisco denotou um importante aspecto para as sociedades desenvolvimentistas: a relevância das táticas conceituadas por Certeau como subterfúgio contra arbitrariedades alheias à comunidade. Dessa maneira, emerge como indicação que haja pesquisas futuras em locais que tenham passado por processos desenvolvimentistas, a fim de investigar se há a ocorrência do fenômeno da ‘arte do fraco’ e de que formas aparecem os traços do dispêndio.

---

<sup>3</sup> Informação fornecida por Sandra Raquel Santos de Oliveira, no evento O Direito à Resistência: quando a cura precisa ser questionada, em São Cristóvão, em junho de 2019.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **7. Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Ruy. O Baixo São Francisco: transformações históricas e econômicas. In: SÁ, Fernando & BRASIL, Vanessa (Org). Rio Sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco. Aracaju: FAPES, 2005.

BATAILLE, George. A parte maldita: precedida de 'a noção de dispêndio'. 2ªed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Vol1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LEITE, Rogério. A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.53, n. 3, p. 737-756, 2010.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDONÇA FILHO, Manoel. C. C. & CARVALHO, Clarisse. A. Laudo de Perícia Socioambiental. Aracaju: 2ª Vara de Justiça Federal, 2016.

PIEL, Jean. Introdução IN: A parte maldita: precedida de 'a noção de dispêndio'. 2ªed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PORTAL DA CIDADANIA. Territórios da cidadania. Brasília: Governo Federal, 2010 disponível em: [www.mda.gov.br/sitemda/tags/territorios-da-cidadania](http://www.mda.gov.br/sitemda/tags/territorios-da-cidadania). Acesso em: 27/07/2014.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

SHIMADA, Shiziele O. A relação capital-trabalho no corte da cana e as novas formas de travestimento do trabalho escravo-precarizado. In: CONCEIÇÃO, A. L. (Org). Trabalho e trabalhadores: as novas configurações espaciais da reestruturação produtiva no espaço rural. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2011.

SOUSA, Raimunda A. D. Trabalho e trabalhadores no campo: desvendando a realidade no Vale do São Francisco. In: CONCEIÇÃO, A. L. (Org). Trabalho e trabalhadores: as novas configurações espaciais da reestruturação produtiva no espaço rural. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2011.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

## **8. Outras atividades**

Em decorrência do contato com o professor orientador, a discente pode participar do grupo de estudos e pesquisa em exclusão e cidadania (GEPEC). Dessa forma, houve maior contato com textos relativos à Psicologia Social, Antropologia e Sociologia. Ademais, a estudante teve contato com leituras que contribuíram diretamente com o entendimento do objeto de pensamento do projeto de pesquisa da iniciação científica.

Além disso, no grupo GEPEC a aluna conheceu outros pesquisadores da área, entre doutores e mestrandos. A partir desses contatos, houve, também, maior interesse da discente no trabalho do psicólogo em alguns campos, como o da saúde mental ou de serviços de acolhimento institucional.

Houve, também, a submissão de artigo da pesquisa de iniciação científica 2017-2018, de autoria de Joemilly Nunes do Nascimento e Marcelo de Almeida Ferreri. O artigo Psicologia Social e dispêndio ribeirinho no Baixo São Francisco foi submetido à revista Arquivos Brasileiros de Psicologia, em 24 de outubro de 2018.

A discente participou, ainda, do evento “Mostra universitária a céu aberto”, organizado pela rede social “Balbúrdia UFS”. A mostra, realizada no calçadão do bairro 13 de Julho, teve como principal intuito apresentar para a comunidade extra acadêmica os trabalhos realizados na Universidade Federal de Sergipe, além de promover uma conversa para traçar as melhores estratégias frente aos cortes econômicos que as universidades federais vêm passando.

Em discussões multidisciplinares com o grupo de estudos em Psicanálise sobre a resistência no processo terapêutico e nas diversas dinâmicas sociais da vida coletiva emergiu a ideia de se organizar uma mesa de debates para tratar do tema. Assim, o evento “o direito à resistência: quando a cura precisa ser questionada”, organizado pela discente e mais doze alunos, reuniu alguns professores, profissionais da saúde e cerca de cento e quarenta estudantes para discutir o tema. Para a discente, foi uma tarde bastante proveitosa,



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

visto que a discussão sucedida possibilitou alguns gatilhos para reflexões da pesquisa no Baixo São Francisco.

Ademais, as alunas participantes da pesquisa e o orientador organizaram um trabalho (baseado nos estudos dos dois projetos de iniciação científica) a ser apresentado no XX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, em novembro. Por fim, como uma das últimas atividades do período do Pibic, a aluna teve um de seus maiores momentos de satisfação com a graduação: a feliz experiência de escrever conjuntamente um capítulo com o professor orientador. O texto, referente à pesquisa do dispêndio e cotidiano no Baixo São Francisco, foi enviado para compor um livro com trabalhos de vários pesquisadores de algumas instituições de ensino. Essa escrita conjunta teve, portanto, grande efeito sobre a formação da orientanda, pois foi um momento de aprendizado acadêmico e oportunidade que deu a ela novo ânimo para o desejo de seguir pesquisando.